

Lab La Bla

Quanto tempo dura o presente?

mmnt

maor imo next

Lab La Bla surge nesta fase do nosso percurso como mais um motivo de encontro entre Arte e Ciência, desta feita com particular ênfase sobre a linguagem. Tanto a poesia como a ciência usam a palavra para comunicar, mas os diferentes objectivos que as orientam estabelecem diferenças profundas de significado para uma mesma palavra. Na ciência valorizamos a exactidão do significado, necessidade ligada ao seu mecanismo básico de reprodutibilidade. Na poesia exageramos a necessidade de multiplicar os significados, de brincar com eles por vezes até à subversão. Em ambas reconhecemos a capacidade de acrescentar novas palavras ao nosso léxico.

Este espectáculo explora a poesia influenciada pelo avanço da ciência, incluindo a introdução de novas palavras, temas e conceitos científicos, usando textos de Miroslav Holub (1923-1998), poeta e imunologista checo. No fundo, fazemos uma proposta de leitura e reescrita do conhecimento que a ciência constrói. Confiamos à interacção com a tecnologia a criação de parte do texto, através da utilização de mecanismos de geração semi-aleatória de texto alimentados por poemas de Holub, num regresso da companhia à selecção de textos e tradução de Manuel Portela, depois de “As Portas da Percepção” em 2007.

marionet

Dez anos depois da fundação da marionet, conseguimos apontar algumas características estáveis da nossa identidade -> a necessidade constante de experimentação que se reflecte numa grande variedade formal e de conteúdos a cada novo trabalho, a aposta em novos criadores e novas ideias e a criação de novos textos dramáticos.

Uma característica vincada nesta década de marionet é o cruzamento entre a arte e a ciência e a tecnologia. Com isto desenvolvemos novas possibilidades de parte a parte para questionar o presente. A fusão da linguagem e conceitos científicos com a liberdade com que a arte pode transformar a vida surgem-nos como duas formas diferentes de olhar e falar da mesma realidade, molecular, complexa e diversa.

A estratégia de improviso inerente à nossa actividade teve implicações artísticas adicionais no trabalho da companhia como a substituição da temporada pelo acontecimento, a criação de espectáculos pensados para espaços não convencionais. Os riscos formais que aplicámos ao nosso trabalho permitiram-nos a exploração de espaços tradicionalmente fechados a estes acontecimentos, criando uma vivência diferente do espaço, quase sempre urbano, e a reflexão sobre a sua função. Constatamos com gratidão que, como resultado, temos espectadores que de outra forma não vêm teatro mas também aqueles que muito o vêm e fazem.

Criámos até ao momento quinze obras originais e um conjunto de outras acções incluindo a edição de livros, encenação de espectáculos amadores com alguns espectadores da companhia e residências regulares junto de instituições científicas. Tudo isto pode ser melhor explorado em <http://marioneteatro.com>

Miroslav Holub

Miroslav Holub nasceu na República Checa. Foi investigador, imunologista e poeta.

Cientista por vocação, considerava a sua poesia um passatempo.

Numa entrevista para a revista New Leader, disse que a União de Escritores Checos lhe ofereceu uma bolsa equivalente ao seu salário de investigador científico a fim de se dedicar durante dois anos à poesia. “Mas gosto de ciência”, respondeu-lhes, “e de qualquer maneira tenho medo de me dedicar apenas aos meus poemas e não ser capaz de escrever nada”.

Para ele a ciência e a poesia partilhavam uma relação difícil. Acreditando que os cientistas tendem a suspeitar de poetas por, de certo modo, os considerarem irresponsáveis, não encontrava, no entanto, conflitos entre a ciência e a poesia. Como cientista acreditava numa realidade objectiva mas tinha uma mente suficientemente aberta para admitir o irracional.

A sua poesia é baseada numa ausência de sentimentalismo e na experimentação e compaixão pelo mundo moderno.

Com frequência, empregava metáforas científicas nos seus poemas, técnica que apesar de considerar um risco, lhe permitia encontrar uma equivalência poética para uma nova realidade num micro-mundo. Admitia começar sempre os seus poemas com uma ideia, uma ideia obsessiva sobre alguma coisa, tentando alcançar o suspense nos seus poemas mais longos e uma vincada ênfase nos seus poemas mais breves.

Fonte:

<http://www.poetryfoundation.org/bio/miroslav-holub>

Mário Montenegro

Mário Montenegro. Nasceu em 1970, no Porto.

É encenador, actor, dramaturgo, investigador.

Iniciou a sua actividade teatral no GRETUA (1990-1995) onde desempenhou funções de actor, técnico, encenador e produtor e foi membro da direcção.

Membro fundador e director artístico da MARIONET desde 2000. Membro da direcção da MAFIA – Federação Cultural de Coimbra de 2001-2005 e desde 2008. Como investigador, iniciou em 2008 um trabalho de doutoramento em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra intitulado “Da ciência para o teatro, do teatro para o público”; terminou em 2007 o Mestrado em Texto Dramático na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a tese “Teatro de tema científico: o caso particular de Carl Djerassi”.

Como encenador, dirigiu na MARIONET catorze espectáculos onde participou também como actor e foi o autor do texto em nove deles.

Como actor, trabalhou ainda na Efémoro, Companhia de Teatro de Aveiro (1995-1996) e n.º A Escola da Noite (1997-2000 e 2010). Interessa-se actualmente pela intersecção Arte|Ciência, tendo sido um dos responsáveis artísticos do projecto Divide Equals Multiply, uma residência artística da MARIONET no Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra em 2010, no âmbito do Programa Rede de Residências “Arte, Ciência e Tecnologia”.

Manuel Portela

Manuel Portela. Professor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Coimbra. Foi Director do Teatro Académico de Gil Vicente (2005-2008). «Uma Ilha na Lua» e «As Portas da Percepção», duas adaptações e traduções suas de textos de William Blake, foram encenadas por José Geraldo e Mário Montenegro em 2007. Colaborou com a Marionet no projecto «Lab La Bla» (2010). Recebeu em 1998 o Grande Prémio de Tradução. Autor de poemas sonoros e visuais, poemas digitais e performances.

Ficha Artística e Técnica:

Discussão e ideias: Alexandre Lemos, Emanuel Botelho, Laetitia Morais, Manuel Portela, Mário Montenegro, Rui Simão, Tiago Serra

Textos de: Miroslav Holub com tradução de Manuel Portela e adaptação de Mário Montenegro

Direção Artística e Interpretação: Mário Montenegro

Vídeo: Laetitia Morais

Banda Sonora: Emanuel Botelho

Iluminação: Rui Simão

Cenografia e figurino: Joana Cardoso

Coordenação do Laboratório Tecnológico: Tiago Serra

Design: Sente Design

Operação Técnica: Emanuel Botelho, Guilherme Barbosa, Laetitia Morais, Rui Simão e Tiago Serra

Penteados: Carlos Gago

Registo Fotográfico: Francisca Moreira

Registo e Edição Vídeo: João de Almeida

Produção executiva: Alexandre Lemos, Cassilda Pascoal e Emanuel Botelho

Colaboradores na Banda Sonora: Carolina Val-do-Rio, Erica Buettner, Filipe Azevedo, Hugo Gomes, João de Almeida, João Carlos Gonçalves, Lúgia Anjos e Pedro Paradela

Colaboradores do Laboratório Tecnológico: Victor Martins e Filipe Cruz

uma produção marionet 2010 - 2011

apoios



Fundação Casa da Escola



Proj. T. I. A.
Proj. T. I. A. - Projeto de Trabalho



Diário de Coimbra
Revista de Cultura



MJC
Município de Coimbra

dgARTES
Associação de Artes e Cultura

parceiros para a divulgação

estrutura financiada por